

O CORPO FORA DA FRONTEIRA

THE BODY OUTSIDE THE BORDER

Francielly Alves Pessoa¹

Liane Schneider²

RESUMO: Este trabalho busca problematizar a relação entre corpo e espaço/fronteira no que concerne à construção da personagem Amina do romance *Amrik* (2011), de Ana Miranda. A autora produz um romance histórico pautado no trânsito como marca textual central e, desse modo, provoca um deslocamento no que se refere à representatividade do discurso literário e as vozes tradicionalmente autorizadas nesse, ao dar voz a uma personagem feminina deslocada, que ilustra uma possibilidade alternativa da vivência de um corpo atravessado por questões sociais, culturais e de gênero. A partir das contribuições teóricas, especialmente, de AGIER (2015), BUTLER (2001), GROSZ (2000), ALMEIDA (2015) e HALL (2015), propomos uma leitura que possa colaborar com os debates que compreendem o corpo que cruza fronteiras no que se refere às relações marcadas (também) pelo gênero, resignificando, no trânsito, a voz de uma protagonista mulher em movimento, numa narrativa em primeira pessoa que tem potencial de resistência, como ilustraremos em *Amrik*.

Palavras-chave: Corpo. Fronteira. Cultura. Trânsito. Personagem feminina.

ABSTRACT: This article problematizes the relation between body and space/frontier and the way this relation marks the construction of the character Amina, in *Amrik* (2011), by the Brazilian writer Ana Miranda. Miranda presents us a historical novel, having transit as a central narrative element, promoting a decentering in respect to the traditional voices generally invited to represent themselves, while putting stress in Amina's female body, crossed by social, cultural and gender new questions after her migration. Having as our theoretical support ideas by AGIER (2015), BUTLER (2001), GROSZ (2000), ALMEIDA (2015) and HALL (2015), we propose a reading that can collaborate with the debates that comprise the body that crosses borders with regard to relationships marked (also) by gender, resignifying, in traffic, the voice of a female protagonist in motion, in a first-person narrative that has potential for resistance, as we will illustrate in *Amrik*.

Keywords: Body. Frontier. Culture. Transit. Female character.

¹ (Orientanda) Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFPB/Campus Itabaiana e Doutoranda pelo PPGL na Universidade Federal da Paraíba..

² (Orientadora) Professora Doutora do PPGL na Universidade Federal da Paraíba..

INTRODUÇÃO

Se até mesmo o nomadismo, em que a centralidade do movimento e do “trajeto” é muito maior, representando ao mesmo tempo o núcleo de sua reprodução econômica e de sua expressão cultural, constrói um território (no movimento), a migração em sentido estrito, onde a mobilidade é mais um meio do que um fim, uma espécie de intermediação numa vida em busca de certa estabilidade (em sentido amplo), certamente não poderá ser vista simplesmente como um processo de “desterritorialização”.

(HAESBERT)³

Este trabalho busca problematizar a relação entre corpo e espaço/fronteira no que concerne à construção da protagonista do romance *Amrik* (2011), de Ana Miranda. Pensar este corpo como no “além”/ *beyond*, na perspectiva de Bhabha (2013), remete-nos ao distanciamento, àquilo que ultrapassa o limite, tanto da fronteira física quanto das limitações impostas à experiência do corpo feminino tradicionalmente e culturalmente construídas nas mais diversas sociedades. Seguindo observação já apresentada por Sandra Regina Goulart de Almeida (2013, p. 94) no que diz respeito à relação corpo/personagem feminina, muitas vezes, apontamos que, aqui também o corpo assume o papel de um “elemento simbólico e material no qual fatores históricos e sociais são inscritos”. Amina é a personagem central do romance aqui analisado e narra, pela sua ótica, o trânsito que vivencia desde a saída da casa paterna até a chegada à América. Ana Miranda resgata no discurso narrativo, através de Amina, e também na representação do espaço, a fala de vários povos para os quais os trânsitos foram fundamentais, aqui especialmente pela fala de uma jovem libanesa, que descobre como seu corpo marca sua existência de maneira diferente em diferentes lugares, consequência de recepções diversas de seu ser mulher no contexto da migração libanesa nas Américas. Em *Amrik*, reconhecemos a extrapolação de fronteiras culturais

³ HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

herdadas pelo e vivenciadas no corpo, sendo o movimento deste, ensejado pelo deslocamento para as Américas, que o descentra para um outro “lugar praticado” (CERTEAU, citado por AUGÉ, 2012, p.75), quer dizer, uma outra identificação, uma outra história.

No que se refere ao contexto da literatura brasileira contemporânea, observamos a crescente presença de escritoras que elegem o trânsito como marca textual. O espaço é o lugar dos trânsitos e, portanto, de onde se narra a experiência vivenciada pelas personagens (ABDALA Jr., 1995). Interessa-nos, assim, a categoria do espaço sob a perspectiva da dinâmica dos deslocamentos e sobre os efeitos da mobilidade cultural, especialmente no que se refere às personagens femininas que vivenciam esse trânsito. Reconhecendo a dificuldade de se chegar a um conceito unilateral para tal categoria, assumimos a postura apresentada por Brandão (2013) no que se refere ao espaço literário e a importância de diferentes perspectivas em que se ancoram diversas outras disciplinas como forma de colaborar com a construção e análise da relação entre espaço e literatura. Desse modo, compreendemos que interessa aos Estudos Culturais e de Gênero uma perspectiva que se debruce sobre a espacialização dentro das literaturas produzidas na contemporaneidade, entendendo que, independente de seu momento histórico, espaço implica em sistema de significações, de discursos e de relações de poder, e como espaço e literatura se implicam nesse processo:

Se há espaço e há teoria, e se se deseja compreendê-los como realidades/produções humanas, é primordial que se analise o que define o imaginário espacial e o imaginário teórico. Para essa tarefa, a literatura se oferece como objeto de estudo privilegiado, já que nela o caráter de ficção se autodesnuda, assim possibilitando que se vislumbre algo da natureza difusa do imaginário, o qual, materializando-se em obra, passa a integrar a própria realidade humana (BRANDÃO, 2013, p.45).

Ana Miranda destaca-se nesse cenário pela composição de obras que colocam o trânsito, os deslocamentos e os sujeitos que atravessam essas

experiências espaciais em pauta, como também é o caso em seu romance *Desmundo* (1996), onde o deslocamento se dá a partir da Europa para o Brasil. Em *Amrik*, a problematização do espaço como uma prática, dá-se a partir do deslocamento físico de Amina, mulher jovem que vivencia e narra o trânsito, partindo do Líbano, para aquilo que ela considera como inicialmente a América (os Estados Unidos) e, depois, para a outra América (do sul, mais precisamente, o Brasil).

Destaca-se ainda a problematização do corpo da protagonista como processo e efeito dos movimentos de deslocamento que vivencia. Compreendemos o corpo neste trabalho não apenas em sua materialidade, mas como um lugar, uma fronteira simbólica descentrada pelo movimento de deslocamento da personagem, local em que são reinscritas suas percepções de si, da cultura, de sua história e de sua inserção no sistema de gênero. Ao se deslocar do Líbano para as Américas, observamos como a protagonista se depara com diversas fronteiras que dialogam e se atritam no transitam, marcando radicalmente sua subjetividade. O corpo da personagem, assim, é lugar, processo e efeito das mobilizações das fronteiras culturais.

CORPOS DE MULHERES EM DESLOCAMENTO

A personagem feminina que atravessa as Américas em Ana Miranda nos interessa tendo em vista, o que interpretamos ser, na construção de *Amrik*, a representação tanto do espaço como este vem sendo ressignificado nas dinâmicas do contemporâneo quanto das formas de legitimar a experiência dos deslocamentos localizada e identificada no corpo. Reconhecemos neste romance da escritora, como em outras autoras brasileiras que têm destacado o trânsito como marca textual (Maria Valéria Rezende, Adriana Lisboa, Paloma Vida, entre outras), traços de uma literatura que assume o espaço contemporâneo como problematizador das formas de estar no mundo dito globalizado. Falamos, então, de lugares e não-lugares, de territórios, fronteiras e deslocamentos, mas também de classe, raça e gênero, questões que se

implicam e reelaboram as compreensões dos sujeitos femininos sobre si os Outros.

A experiência de Amina converge principalmente para uma estreita relação entre espaço e corpo, tendo em vista que este é o elemento motivador de sua partida do Líbano, sua condição como mulher que busca se reconhecer no e pelo corpo embasando sua partida da terra natal. Sandra Regina Goulart de Almeida nos apresenta o corpo como “vivências que se revestem de um significado especial, quer seja pela subjugação e violências sentidas no corpo ou pelo agenciamento que se constrói [...] por meio de inscrições culturais” (2015, p.139). Ao passo que, ao se deslocar do Líbano para as Américas, observamos o confronto das diversas fronteiras que dialogam e se atritam no trânsito de Amina. O corpo, então, passa a ser o lugar em que estão inscritas as marcas do trânsito e, como fronteira, revela um espaço de negociações que transcendem sua materialidade: “não somente os corpos tendem a indicar um mundo além de si mesmos, mas esse movimento além de seus próprios limites, um movimento da fronteira em si mesma, parece ser fundamental para aquilo que os corpos 'são’” (BUTLER, 2001, p.8). O corpo da personagem, assim, é lugar, processo e efeito das mobilizações das fronteiras culturais e é ali que também podem ser reconhecidas as consequências atreladas ao movimento realizado.

O contexto que buscamos enfatizar, em que se dão as experiências de Amina, implica no fenômeno da mobilidade humana, presente desde os primeiros tempos da humanidade. Podemos pensar numa condição natural do trânsito, já que, quer por sobrevivência ou inquietação, os seres humanos se deslocam. Contudo, as práticas de espaço, por onde, enfim, se configura essa mobilidade, são socialmente construídas, uma vez que inscrevem os corpos numa rede de transformações e instabilidades ao longo do processo de se estar presente no mundo. É sobre essa rede de movimentos e trânsitos que aqui nos debruçamos, mais especificamente sobre a *situação de fronteira* (AGIER, 2015) em que se dão as experiências do corpo da protagonista, que se dá conta deste e de seus significados dentro das diferentes culturas em que transita a partir da percepção dos outros que a reconhecem como filha, dançarina e mulher.

Essa compreensão nos é possível ao acompanharmos o reconhecimento ou identificação da protagonista com períodos fronteiriços delineados pela temporalidade marcada em seu corpo

A história de Amina é uma história de continuidades, de deslocamentos de sentidos e de ressignificações. Sua partida do Líbano, a princípio, surge como uma espécie de sentença amputada pelo pai: “Papai dizia, Amina vai embora, era uma sentença, não apenas palavras, eram pedras pppááá (...)” (MIRANDA, 2011, p. 14), como forma de livrar-se daquele corpo que era a marca de uma continuidade materna - um corpo feminino, materno, mas também considerado provocativo associado ao imaginário da mulher lascívia: “mamãe tinha virado raposa porque era muito libidinosa” (MIRANDA, 2011, p.19). O motivo paterno real para a expulsão de Amina era a presença marcante de seu corpo, que lembrava aquela mãe libidinosa, mas o pretexto deu-se por ocasião de acompanhar o tio Naim, cego e divergente político no Líbano. Essas duas características do tio de Amina parecem-nos desembocar diretamente com dois movimentos que pesam na história dessa mulher: primeiro, a expulsão do tio significou liberdade para a sobrinha, o movimento de sair de um lugar conhecido e com marcas já determinadas; e talvez a cegueira desse despertara na protagonista a confirmação de que seu corpo não se restringia a sua exterioridade: “Tio Naim me via sem ver meu rosto sem ver meu corpo me via verdadeira me via através de minha alma ou meu perfume me ouvia falar e via mais fundo minha cara parecia de ferro que ninguém podia entrar (...)” (MIRANDA, 2011, p.75).

No que pese sobre os deslocamentos contemporâneos que são evidenciados no romance de Miranda e que se constituem como marcas textuais, reconhecemos um debate que coloca a dinâmica dos espaços geopolíticos em seu centro, bem como os trânsitos neles (ou através deles) vivenciados, para além dos indivíduos, a própria cultura e a forma de se perceber nela como novas experiências do deslocamento. Várias correntes teóricas, principalmente aquelas produzidas sobre a modernidade tardia, afirmam que estamos vivenciando uma crise das identidades culturais, proporcionada pelo processo da globalização (HALL, 2015) que já teve início

tempos atrás, mas que não cessa de se aprimorar e aprofundar nos dias atuais. Portanto, nisso que alguns sociólogos denominam como “modernidade tardia” (HALL, 2015), são identificadas mudanças constantes, tanto no trânsito quanto nas práticas nele vivenciadas. Essa modernidade tardia vem marcada pelas diferentes posições dos sujeitos, em reflexo às alterações das relações sociais e o rompimento com os tipos tradicionais de vida, antes mais estáveis, que estruturavam a ordem social.

Assim, os sujeitos que protagonizam esses (novos) trânsitos vão perdendo as antigas referências identitárias dos “sujeitos sociológicos”, que preservavam um sentimento de pertencimento à estrutura cultural da qual se sentiam parte. E, nesse ínterim, os próprios sujeitos também se sentem deslocados, pois o espaço também se ampliou, tornando descentralizada a construção de qualquer identidade. Constata-se com isso a influência mútua que sujeito e espaço protagonizam tanto no que concerne o trânsito pelos e através dos ambientes/espacos, como na construção das subjetividades desses mesmos sujeitos, agora deslizantes.

No caso de *Amrik*, observamos uma experiência de espaço e corpo possibilitada, construída e apresentada pela voz narrativa da própria personagem; portanto, se algo pode ser “aterrado” e/ou territorializado, em relação a Amina, é seu corpo e seu discurso sobre o mesmo: “Não gosto de estudar, tio Naim, prefiro dançar” (MIRANDA, 2011, p.69). O corpo da protagonista passa a ser o espaço instável da fronteira que interpela esse sujeito sobre seu estar presente no mundo como mulher. Ao mesmo tempo, percebemos uma forma aqui de comunicação e existência que se apoia menos em palavras e pensamentos, tão marcados por regras desfavoráveis a essa jovem, e mais fundamentada na conscientização de que seu corpo tem existência própria e a mune de uma linguagem renovada, para além das antigas fronteiras suas conhecidas.

CORPO FRONTEIRA

Michel Agier (2015) destaca, em seu estudo antropológico sobre as fronteiras, o valor ritualístico⁴ que estas possuem na constatação da existência dos sujeitos. Ao evidenciar a fronteira como lugar de mediações, chama a atenção para o que ele denomina de “condição cosmopolita banal” em que a modernidade se transforma e se torna cada vez mais um regime global e híbrido. Espaço de instabilidade e incertezas, mais que uma espacialidade, a fronteira é uma situação, uma vez que nela e por ela é que os sujeitos são interpelados a se reconhecerem, pressupondo-se numa relação com o que “vem de fora”.

Ao colocar a fronteira no centro de suas reflexões, Agier enseja algumas questões para sua análise, das quais destacamos uma que remete à nossa própria reflexão no âmbito desta leitura: contrariamente à ideia de distanciamento, é na fronteira que se constroem ou se busca construir relações de pertencimento, na relação de diferenciação com o Outro: “um primeiro estado da questão concerne aos fundamentos sociais e não naturais da fronteira, compreendida como uma condição de ser-no-mundo e do reconhecimento recíproco de si e dos outros” (AGIER, 2015, p.38). É no reconhecimento do Outro que o sujeito reconhece ou busca reconhecer a si, num espaço de negociações entre um “eu” e um “Outro”. Assim, a fronteira como prática do espaço é o lugar de interpelação dos sujeitos sobre si. Agier conceitua a fronteira em três perspectivas (espacial, temporal e social), contudo, mesmo todas mantendo uma relação de interdependência, focamos nossa análise sobre o aspecto social, centrando nossa discussão na categoria de gênero e sua relação com o corpo, no caso, o corpo de Amina.

O romance de Ana Miranda em foco traz à tona o contexto do final do século XIX, quando muitos libaneses migraram para a América. Porém, esse deslocamento não era processo simples, muito menos óbvio:

⁴ Compreendido na perspectiva de Agier (2015) como momento de transformação, de uma passagem.

Os libaneses que saíam do Líbano pensavam que estavam indo para a América do Norte mas muitos eram enganados pelas companhias, uma cucagna diziam os italianos, e desembarcavam na América do Sul, quando iam reclamar que estavam na América errada o estafeta dizia Tudo é América! (MIRANDA, 2011, p.35).

Como podemos observar, chegar à América não era tarefa fácil para os imigrantes, sendo que desde o início o questionamento do que seria a tal “América” está posto. Aqui destacamos a primeira parte do trânsito de Amina, que consegue chegar aos Estados Unidos, aos olhos dela e de muitos, a “verdadeira América”, ainda que depois tenha que ir para América do Sul logo após, algo que não planejara.

No primeiro capítulo de *Amrik*, Amina narra a interpelação de seu tio Naim sobre o casamento dela com o mascate Abraão. Esse momento configura-se, a nosso ver, como uma confrontação simbólica das fronteiras de gênero (pela condição social da mulher que se vê pressionada ao casamento). O corpo de Amina é causa para determinação da personagem ao espaço do casamento, com o que deveria se identificar. É o corpo que precisa ocupar um lugar, mas não qualquer lugar, e sim, aquele que se tem como ideal às mulheres em sociedades patriarcais, o de esposa.

A teórica Judith Butler (2001) problematiza a questão do corpo, chamando atenção à performatividade do gênero que produz corpos por meio de práticas de materialização regulatória, ou seja, o corpo já pensado dentro de uma materialização regulatória para consolidar o imperativo heteronormativo. O sujeito, no sentido proposto por Butler, é levado por meio dessas práticas regulatórias a se identificar com o ideal normativo do sexo (domínio da abjeção). No caso do romance de Miranda, a partir da interpelação da prática regulatória do casamento, entretanto, Amina-corpo-fronteira se desidentifica com a subjetivação que lhe é imposta, sendo ela aquilo que excede a norma. A isso se segue toda uma lembrança do passado que antecede a tentativa de imposição do casamento, com suas lembranças da casa no Líbano, de sua relação com a avó Farina e sua mãe. Nessa lembrança, os leitores/as leitoras testemunham pela voz narradora de Amina o descentramento que a personagem sente sobre sua condição de mulher.

Num momento de tensões políticas no Líbano, Naim, tio da protagonista, foge de sua terra natal para a sonhada América (entenda-se, Estados Unidos). Porém, sendo cego, necessita de ajuda, recebendo Amina como uma espécie de serviçal nessa tarefa. Amina acaba sendo exilada de casa por uma questão mais que política, mas de gênero, já que era mulher ainda não casada, a quem caberia cuidar dos outros. O corpo da personagem é a fronteira de sua exclusão ao remeter à condição de mulher e, mais especificamente, às práticas regulatórias de normatização desse corpo. Amina é filha e neta de uma tradição de dançarinas ghawazee, “encantadoras de almas” masculinas. A mãe fugira de casa e as causas nunca são discutidas em casa pela família. Porém, os movimentos da mãe na lembrança da personagem marcam sua relação:

Mamãe era uma mulher que atraía os homens como mel atrai os ursos, não era tão bela como vovó Farida em sua juventude mas sei, sei, vovó Farida daria toda a sua beleza em troca da volúpia em mamãe, vovó sempre sussurrava Amina nunca deixes de amar tua mamãe nunca te esqueças dela ela está dentro de ti e se a esqueceres nunca saberás quem és, se és ela e dela (...) (MIRANDA, 2011, p. 17).

No corpo e pelo corpo, Amina percebe o carinho (e o poder) materno que pouco conhecera, posto que a mãe fugira quando ainda era bastante pequena. Incentivada pela avó Farida, a personagem vê o corpo como possibilidade de memória materna ser revisitada, criando um pertencimento seu em uma tradição de mulheres:

[...] o corpo não pode ser rejeitado nem esquecido ele não é inferior deve ser desejado amado como uma joia de família precisa ser guardado no escrínio, quem despreza o corpo sentirá a vingança de Deus, dança deve ser vista haialaia em seu lado haialaia pác ritual e não o frívolo lado, uma contemplação religiosa e não uma artimanha das mulheres para aprisionar espíritos de homens fracos e exaurir sua virilidade haialaia dança é vinho e vinho pode ser tomado em comunhão na igreja como o sangue de Deus ou pode ser tomado nas festas dos clientes de Baco tirando as suas baforadas (MIRANDA, 2011, p. 18).

Observamos, neste fragmento, a atribuição de traços de divindade e do sagrado, aqui atrelados ao corpo feminino. Um corpo que não se conforma, não se restringe ao lugar normatizado, a dança ritualizando o descentramento dessa fronteira. Todavia, é pelas marcas do corpo filial, que remete à memória da esposa fugitiva, que o pai de Amina a expulsa de casa, evitando enxergar na filha as marcas de sua própria mágoa. Portanto, a expulsão de casa, desculpa para acompanhar o tio cego, representa para a personagem uma liberdade. O corpo de Amina também passa por transformações, observadas pela personagem:

(...) eu crescia e meu corpo se tornava corpo de mulher meus peitos estufavam fffuuuu e ficavam como os de vovó Farida e os quadris davam a volta nos ossos, minha pele mais macia e os homens passaram a olhar meu corpo, não era mais olhar a carinha e puxar os cabelos, sentiam uma distância de mim, ia para o porto com o tio Naim com a bagagem e na multidão esperava [...] (MIRANDA, 2011, p. 25).

A percepção de si como um corpo de mulher marca uma fronteira que, apesar de também temporal, está atravessada por questões culturais e potencialmente de poder, remetendo a um corpo maduro e feminino. Esse reconhecimento de si como um corpo feminino que atrai os homens dá liberdade à Amina para assumir essa posição em que o ritual da dança deve ser praticado como forma de exercer uma nova força pessoal, seu “poder de atrair os homens e despertar paixões” (MIRANDA, 2015, p.26).

Em *Corpos reconfigurados*, Elizabeth Grosz (2000) faz uma crítica à naturalização das relações sociais aplicadas ao corpo. Denunciando a continuidade dos binarismos que constroem relações de associação mente/corpo, a filósofa destaca a exclusão da mulher como “desrazão”, sempre associada ao corpo, além de indicar como ele é ignorado dentro de seu papel formativo na produção de valores. Com isso, podemos refletir sobre como o corpo feminino protagonizado pela protagonista de *Amrik* confronta esse lugar de desvalorização, percebendo-se como modo de conhecimento/reconhecimento sobre sua história, cultura e identidade.

Amina, diferentemente de seu tio Naim, consegue chegar à América (EUA). Separada do tio, exerce sua função de dançarina exótica e, apesar da situação de precariedade da vida dos imigrantes, dormindo na rua quando o dinheiro acaba, sem roupas de frio e vivendo em “cortiços em meio aos judeus chineses irlandeses poloneses italianos gente de todos os lugares do mundo, lugares abandonados por Deus” (MIRANDA, 2011, p. 37), encanta-se com a liberdade de seu corpo exercida nesse novo território:

Dança é um desejo de solidão, uma contemplação do interior da selvageria do corpo, das nostalgias da memória, mágicos efeitos, celebração da calma do espírito clarividente, corpo, a simbólica encarnação da infinita luxúria a obediência à paixão e ao perverso temperamento feminino (MIRANDA, 2011, p. 21).

Em *Amrik*, parece-nos que o deslocamento da casa paterna para a América e o slogan desse novo local como “terra da liberdade” afiguram-se para a protagonista como possibilidade de romper com a opressão do corpo, mais do que tudo pelo distanciamento em relação a normas culturais impostas no seio de sua família às mulheres. Contudo, não podemos negar a tentativa, por vezes consolidada, de desvalorização desse, ligada à ótica binária que determina uma condição do sujeito feminino como frágil, impuro, inferior. A possibilidade de exercer a dança invoca-nos a transgressão da fronteira que Amina protagoniza como sujeito interpelado por sua condição de mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos construir uma reflexão sobre aspectos de uma literatura crescente no Brasil que evidencia o trânsito como marca textual na produção literária de mulheres. Objetivamos, com isso, pensar as novas configurações da literatura brasileira como um espaço que rompe com as fronteiras locais possibilitando trazer à cena a escrita de mulheres e as

personagens femininas descentradas de um conceito homogêneo de experiência.

No contexto dos movimentos globais do trânsito de pessoas e de produtos culturais, a experiência narrada em primeira pessoa vem reconfigurando as narrativas do trânsito ao dar voz à perspectiva do sujeito deslocado, um sujeito migrante que passa a contar sua história. Compreender as práticas do espaço e sua relação com os sujeitos denota possibilidades de leitura outras que evidenciam o caráter heterogêneo da literatura e das novas demandas ocasionadas pela fragmentação das relações sociais no contexto da globalização.

Buscamos ainda repensar a relação do espaço com o corpo feminino representado no texto literário, compreendendo as fronteiras como espaços de negociações e ressignificações, bem como os corpos que as produzem e são delas efeitos.

Seguimos, então, nossa leitura reconhecendo a importância do lugar que a literatura assume como um discurso em que as fraturas que parecem constituir o contemporâneo (Agamben, 2009), em que vozes anteriormente silenciadas podem fazer-se presentes. Assim, buscamos observar e verificar brevemente algumas possíveis reflexões que o texto de Miranda enseja sobre os espaços e trânsitos de mulheres na contemporaneidade, como lugares de vivências alternativas. Nesse sentido, ler *Amrik* é ler uma diferença inscrita na literatura brasileira, que extrapola o registro do nacional para dar lugar ao Outro que constitui os diferentes imaginários e realidades que tecem nossa história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA Jr., Benjamin. *Introdução à análise da narrativa*. - 1. ed. -São Paulo: Scipione, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

- AGIER, Michel. *Migrações, descentramentos e cosmopolitismo: uma antropologia das fronteiras*. Maceió: São Paulo: Edufal, 2015.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart de. *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9.ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. - 11. ed. - Campinas: Papirus, 2011.
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. - 1. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Guacira Louro Lopes (Org.). Trad. Tomaz Thadeu da Silva. - 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. Campinas: Unicamp, 2000. (Cadernos Pagu).
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. - 12. ed. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- MIRANDA, Ana. *Amrik*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Recebido em: 01/2021

Aprovado em: 02/2021

